2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 1. QUINTA FEIRA, 12 DE SETEMBRO DE 1850. 10.º ANNO.

Começa hoje a Revista o decimo anno da sua publicação. É pela quarta vez, que nos apresentamos ao publico, para escrever a primeira pagina de um volume deste jornal.

Somos o mesmo de ha tres annos. — Temos a mesma crença, a mesma fé, e a mesma esperança.

Acreditamos no poder civilisador da imprensa.

Temos fé na patria.

Esperamos — que, desviada das paixões politicas, póde ser uma nação feliz, por meio do estudo, e do desenvolvimento dos seus interesses moraes e physicos.

Existem dois campos, onde se debate a causa da civilisação. — Em um, as paixões e o poder são tudo; no outro, os factos e os raciocinios são os elementos de acção que mais dominam.

A idéa politica está no primeiro campo — a idéa social está no segundo; — e é neste que a revista, ha dez annos, milita activamente. Já se viu só, sem outros jornaes ao lado, e não sahiu do campo. Ao presente appareceram novos campeões com mais creditos e esforço, e se o nosso posto não fôra de honra, poderiamos, sem perigo da nossa causa, passar para o numero dos veteranos. Mas o nosso dezejo não permitte que larguemos a arma; e se o futuro não podesse frustrar os nossos intentos, diriamos que só o termo da vida nos fará calar a penna.

Convem esclarecer os pontos, que servem de base ao nosso pensamento.

Não queremos proclamar o divorcio da idéa social com a idéa politica. Conhecemos que a politica não póde quebrar os laços que a prendem ao estudo da sociedade, mas sustentamos que o estudo dos melhoramentos sociaes não se faz exclusivamente entre a tribuna e o jornal politico.

A politica é nulla e insignificante, se no combate das idéas, os affectos se não desencadeam, se as paixões se não espedaçam, e se a coragem e a ambição não estalam electrisadas pelos grandes talentos e decididas vocações.

Os estudos sociaes requerem socego de animo, o silencio do estudo e a resignação da gloria, pelo menos durante a vida.

A politica é como o dia tempestuoso, em que só Deus é grande, e em que a terra fecundada pelas torrentes se prepara tremendo para abrir o seio á producção.

A sciencia social é o dia ameno e creador, em que só Deus é misericordioso, em que os raios do sol, coados por ligeiras nuvens, parecem arrancar, a cada planta, uma flôr, e, a cada flôr, um fructo.

Respeitamos a politica porque não desconhecemos a sua influencia directa no destinó das nações; mas entendemos que Portugal carece de que, sem affectos nem odios, se estude e se melhore a sua triste situação.

Parece-nos que aos jornaes — não politicos — pertence a obrigação de fazer esse estudo, e mais firme, do que nunca estivemos nesse proposito, começàmos este decimo volume.

Alguma coisa poderiamos dizer, ácerca do modo como a revista tem desempenhado o seu plano nestes ultimos tres annos; mas ao publico deixamos, sem prevenções, o direito de nos julgar.

A illustre collaboração, que de ha muito, tem accreditado a REVISTA, não nos faltou no volume findo, e já temos a certeza de que, no que hoje começa, será mui honrosamente augmentada.

As nossas opiniões não mudaram em relação ao paiz.

Sustentaremos:

Que a Religião é a base da educação moral do povo:

Que a instrucção é um dever do Estado, e que deve ser, em um paiz como o nosso, mais pratica do que theorica.

Que nos sobra instrucção superior, e nos falta ensino administrativo, agricola e industrial.

Que a questão financeira se resolve no — Orçamento, — e que só nas paginas desse livro se póde operar a unica revolução que nos póde salvar.

Que o trabalho nacional é um elemento de prosperidade, e de ordem, e que deve ser fomentado e desenvolvido, para que no paiz haja mais alguma coisa que seja classe, ou profissão, além dos empregos publicos, e da vida das cidades.

Que é mister que, ante o Governo, a Imprensa e a Associação, as provincias sejam eguaes á capital.

Que a Agricultura deve ser desveladamente protegida pelos seguintes meios: —

Ensino:

Exemplo:

Livre exportação:

Livre transito.

Que a Industria fabril tem direito: —

Ao ensino:

Á livre importação de materias primeiras:

Á protecção dos productos que se fabricam por meio do trabalho nacional.

Que a Agricultura, a Industria fabril, e o Commercio reclamam com urgente necessidade: —

Reducção no preço do dinheiro:

Communicações terrestres e fluviaes:

Extensão dos recursos do credito:

Governo das colonias illustrado e probo.

Que a beneficencia publica é um dever do Estado e uma instituição social, que em volta de si deve reunir todas as classes.

Que a justiça deve ser facil, simples, barata e comprehensivel, e que neste ponto só uma reforma radical nos póde valer.

Que a imprensa deve ser auxiliada, com premios, e livre de monopolios.

Que a litteratura patria se deve cultivar por meio da lingua e da puresa e formosura do pensamento.

Que a critica é um conselho, e não um libello.

Que assim como só Deus é grande, só a virtude e o talento são respeitaveis.

O plano da REVISTA consiste na defeza e propagação destes principios. O seu estudo é a nossa missão e o nosso dever.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CHRONICA AGRICOLA.

1 Os interesses da agricultura são dos primeiros que a REVISTA tem defendido, e que havemos de continuar a defender. Julgâmos que os podemos promover juntando como titulo de *chronica agricola*, quantos alvitres nos vierem á mente em seu favor, e quantas noticias tendentes a esse fim nos sejam remettidas. O que nos factos é a coadjuvação dos nossos agricultores, essa esperamos que nos não falte, pois que por este modo, mui encarecidamente lh'a rogamos, e toda em proveito seu. Todas as communicações, neste sentido, são bem vindas e agradecidas.

O azeite, desde o cultivo até ao fabrico, devia ser assumpto de muito estudo para todo o paiz. Não só o consumo interno, mas tambem o externo, convidam a attenção do paiz para tal ponto. Quanto ao fabrico, podemos hoje dar aos nossos leitores uma nova, que se refere á sua clarificação.

Os Srs. Almeida Silva e C.ª, acreditados negociantes, residentes na rua dos Fanqueiros n.º 164, 1.º andar, percebendo as vantagens do que fica ponderado, e tendo alcançado dar valor ás suas marcas nos mercados estrangeiros, e tambem em o nacional, tentaram servir-se do processo da clarificação do azeite, já ensaiado entre nós algumas vezes, porém sem resultado. Prepararam o seu genero para apresentar na ultima exposição da Industria Nacional; e depois de o havermos visto e gostado, muito nos pesa que a exposição não fosse honrada com este producto. O azeite clarificado no estabelecimento dos Srs. Almeida Silva e C.ª, dispensa, quanto a nós, o azeite de Italia, que em Lisboa se vende por um preço fabuloso.

Parece-nos perfeitamente transparente e alambreado, e conservando, como feliz e apreciavel acerto, um gosto vago do fructo. É muito agradavel na comida, e produz bello effeito no arder das luzes que alimenta, sem o mais leve cheiro, nem fumo. Julgamos a indicação dos depositos deste genero, um verdadeiro favor, e por tal motivo, diremos que nos consta, que são na rua do Chiado n.ºs 7, 11, e 19, na rua dos Fanqueiros n.º 175, e na rua dos Retrozeiros n.º 66.

Não somos dos que dizem, que Portugal só deve produzir vinho, mas entendemos, que esta producção agricola é a maior e a mais certa das nossas riquezas, e como principio geral, desejariamos que a sua exportação fosse livre e tambem livre o seu transito no paiz, não sendo sobre tal genero, que fossem recahir com mais força os direitos de consumo. É nossa opinião, que a parte fiscal da Alfandega das Sete Casas, é um embaraço para a nossa agricultura — e que apenas só podem admittir os direitos de consumo, chamados municipaes, e estes moderados e sem caracter vexatorio, nem exaggerado. Postos estes principios, já se vê, que a nossa opinião é perfeitamente favoravel ao que pertendem os lavradores, proprietarios, rendeiros e compradores de vinho, quando requerem contra as innovações e verdadeiro augmento de imposto do Edital, que a Alfandega das Sete Casas publicou em o *Diario do Governo*, ácerca do manifesto do vinho e do azeite, onde entre outras providencias se pertende reduzir a 10 o abatimento de 20 por cento, que desde muitos annos justissimamente se fazia no vinho em mosto. Julgamos, que não poderá haver demora na solução de um negocio, que fez lavrar o maior desgosto em todo o termo de Lisboa, e por tal motivo, remataremos hoje neste ponto, o que nos dita o interesse, que nos merece a nossa lavoira, que tanto carece de auxilio.

Julgamos de muita importancia a noticia do grande prejuizo, que soffreu o Concelho de S. Thiago de Cacem, nos dias 24, 25 e 26 de Agosto ultimo. Foi o caso — Um pequeno ceareiro lançou fogo ao seu serviço: soprava vento forte: e fugindo, o fogo assaltou mais de 20 herdades de montados, bastantes colmeias e algumas cabeças de gado. O nosso correspondente avalia o prejuizo entre 30 a 40 contos. Assentando a riqueza do Concelho em montados de sobro de que se contam 30 mil pés, que nutrem 10 a 12 mil porcos, e em cortiça, cuja exportação para Inglaterra se orça em mais de 30 contos — é indispensavel, que o Municipio, e o Governo sem demora accudam com providencias, que evitem a continuação destes desastres, que todos os annos se repetem.

As noticias de Angra não são favoraveis á boa colheita dos fructos.

As secas vão causando no Reino mui graves prejuizos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL EM LONDRES.

2 Os commissarios da exposição universal em Londres dirigiram ultimamente ás diversas commissões estrangeiras, formadas para tomarem parte naquella solemnidade da industria, uma circular em que as previnem de que estão tratando dos preparativos necessarios para a recepção des objectos que lhes forem remettidos, bem como da construcção de edificio adequado á exhibição dos mesmos objectos, de que já demos noticia neste jornal.

A carta contém instrucções para o pagamento de direitos de alfandega pelos objectos que chegarem com destino de serem vendidos em Londres. Convida as commissões a expedirem as suas remessas *por atacado* ou pelo menos no menor numero de consignações possivel, a fim de atenuar as despezas.

Ha no porto de Londres agentes expressamente designados para aquelle fim. Será adoptada uma tarifa mais moderada do que a usual. A casa Nicholson, Besley e Cie não exigirá despesa alguma pelas fazendas transportadas pelos seus freguezes, nem pelo desembarque dellas no caes. Já se vê que os gastos ficam muito reduzidos.

Os mostradores em que se hão de appresentar as fazendas serão fornecidos pelos commissarios: porém terão os concorrentes a faculdade de prepararem á sua custa vidraças ou prateleiras para os objectos que trazem á exposição.

Os commissarios exprimem o dezejo de que se lhes communiquem, com brevidade, os designios dos concorrentes estrangeiros.

A exposição industrial cosmopolita preoccupa vivamente o paiz que tomou tão honrosa iniciativa. Esperamos que ella sirva, pela comparação de todos os productos cotejados em relação a cada ramo de industria, para convencer de quanto importa a cada uma nação produzir de preferencia os objectos em que leva decidida vantagem.

O edificio destinado á exposição, não obstante as reclamações dos habitantes de West-End, e as petições dirigidas ao parlamento contra o projecto primitivo, será erecto em Hyde-Park, que é com effeito o local mais proprio. A commissão encarregada de examinar os planos dos architectos havia dado a principio a preferencia aos de M. Horeau, de Paris, e M. Turner, de Dublin; mas, por ultimo, talvez por amor proprio nacional, declarou-se definitivamente pelo projecto de M. Paxte, de Londres.

O edificio, de 2.000 pés de comprimento por 400 de largura, será inteiramente composto de vidraças e ferro, 1:024 columnas, de altura de 15 pés, o repartirão em 24 galerias, de 24 pés de bocca, appresentando no total um desenvolvimento de cinco milhas

inglezas. Sobre armação de ferro, tão leve quanto solida, será collocado o tecto de vidraça com 1.070:760 pés de superficie. A parte central finda a exposição, poderá ser transformada em passeio coberto, franqueado a carruagens e cavalleiros.

As columnas, os arrimos das galerias, as traves, os cinteis, em summa todas as peças, são respectivamente reproducções de um só modelo; as chapas de vidraça são todas da mesma dimensão; de modo que tudo se póde assentar sem dependencia de numeração ou de outras marcas: circumstancia que proporciona a conclusão da obra antes do 1.° de janeiro de 1851.

Quanto á industria franceza, accresce uma rasão de mais para enviar os seus productos á exposição de Londres; o governo francez encarrega-se de os transportar gratis.

IMPORTAÇÃO DE VINHOS NA GRÃ-BRETANHA NOS SEIS ANNOS DE 1844 A 1849.

3

PROCEDENCIAS.	1844.	1845.	1846.	1847.	1848.	1849.
DO CABO DE BOA ESPERANÇA.....	352,953	360,685	367,353	294,258	268,600	243,427
FRANÇA	614,292	592,021	522,068	516,406	570,507	515,343
PORTUGAL.....................	3,258,522	2,945,751	2,926,322	2,662,560	2,795,406	3,039,899
MADEIRA......................	260,614	240,386	233.071	181,855	163,368	200,944
HISPANHA.....................	3,176,623	3,274,915	3,269,545	3,029,632	3,055,498	3,161,542
RHENO........................	63,109	70,947	71,461	63,951	53,672	59,414
CANARIAS.....................	182,119	230,324	132,606	175,712	124,456	159,532
SICILIA......................	593.240	633,621	666.117	627.258	620.160	563.478

Quota por cento em que cada qualidade entrou no consumo total em cada anno.

Direitos 2*s*. 9*d*. ꝟ 5º.	*Direitos* 5*s*. 6*d*. ꝟ 5º.						
Cabo.	França.	Portugal.	Madeira.	Hispanha.	Rheno.	Canarias.	Sicilia e outras sortes.
5.11	6.93	42.22	1.63	36.24	0.79	0.30	6.78
5.31	6.58	39.91	1.52	37.93	0.93	0.30	7.52
5.43	6.07	39.61	1.40	38.61	0.96	0.38	7.54
4.84	6.56	39.00	1.34	39.18	0.92	0.38	7.78
4.37	5.80	39.87	1.25	39.69	0.73	0.33	7.96
3.87	5.30	42.36	1.14	39.16	0.74	0.32	7.11

REGENERAÇÃO DO CHUMBO.

4 É sabido, que para usos da tinturaria e da impressão, se empregam diversos acetatos, entre outros o acetato de aluminia, que se prepara precipitando os sulphatos das bases pelo acetato de chumbo. Obtem-se deste modo, como producto secundario, uma quantidade mui consideravel de sulphato de chumbo, e posto que este sal tenha algumas applicações na fabricação da alvaiade, no vidrado da louça etc., os fabricantes não conseguem dar extracção senão a diminutas porções da quantidade que se veem obrigados a accumular; e a essas mesmas por um preço porporcionalmente modico. Independente disto, não póde aproveitar-se nestas applicações senão o sulphato de chumbo puro, e não o que se prepara com os acetatos de chumbo misturado a materias pyrogeneas, que retem constantemente uma porção dessas materias, e por consequencia uma côr parda.

Nestas circumstancias julgou conveniente o professor Schnedermann pesquizar um processo para regenerar de um modo pratico e economico o chumbo daquelle producto; e depois de varias tentativas achou o seguinte.

O sulphato de chumbo mistura-se intimamente a carbonato de cal, carvão e spath-fluor, e esta mistura escandece-se a ponto alto. Formam-se assim sulphato de cal e carbonato de chumbo, que se podem reduzir pelo carvão ao metal chumbo. Como o sulphato de cal na temperatura empregada não entra em fusão, o chumbo não se reuniria n'um residuo, mas ficaria disseminado na massa do gesso, se não se ajuntasse ao mesmo tempo spath-fluor: esse corpo goza, como é sabido, da propriedade de entrar em fusão n'uma alta temperatura com o sulphato de cal, provavelmente pela formação de um sal duplo mais fusivel; esta acção exercita-a egualmente para formar com o sulphato de cal uma escoria que se funde com facilidade.

As proporções mais proveitosas entre os elementos do mixto são 8 partes de sulphato de chumbo (sêcco ao ar) $5\frac{1}{4}$ partes de carbonato calcareo, 1 a $1\frac{1}{4}$ de carvão e 3 partes de spath-fluor. Esquentado até á temperatura do rubescente tirando para branco aquelle mixto durante uma hora n'um cadinho de Hesse collocado n'um fornilho de ventilação, obtive (diz o professor) no fundo do cadinho um residuo de chumbo metalico perfeitamente macio e isento de enxofre. Na escoria ao de cima, que era um tanto porosa, observaram-se ainda espalhados alguns grãos de chumbo: recolhidos estes, triturando a escoria e submettendo-a a lavagens, e ajuntando-os ao residuo obtive quasi a totalidade do chumbo contido no sulphato de chumbo que empregára; isto é, um producto muito satisfatorio.

Este processo, quando se faça applicação em ponto grande, será talvez vantajosamente praticado n'um forno de reverbero.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXV.

A estalagem do Alémtejo.

(Continuado de pag. 577 do volume 9.º)

5 Quando viu os seus joviaes companheiros deixarem maiores intervalos entre copo e copo de vinho, e diminuirem consideravelmente o movimento das maxillas, que a principio haviam trabalhado com portentosa velocidade, Antonio de Belem impoz, com um gesto, silencio, e todos calaram instantaneamente.

— É tempo de fallarmos em coisas sérias — disse elle. — O Sr. Padre José da Fonseca disse-me, ha dias, que dezejava praticar, em objectos que interessam ao povo todo, com alguns dos membros da caza dos vinte e quatro e dos officios, que fossem de melhor conselho, e em que eu tivesse mais confiança. Eu, a falar a verdade, tenho todos em muita conta, porque de gente como nós não ha que desconfiar: e por isso escolhi aquelles que são amigos meus de ha muitos annos, com quem me tenho achado sempre nas occasiões de perigo, e que sei mais poder tem no animo e vontade do povo de Lisboa.

— O caso não é tão serio, por ora, como v. m. o quer fazer, Antonio de Belem — atalhou o Padre José. — Isto não é uma conjuração. . .

— Bem no sei — disse o Juiz do Povo. — Louvado Deus, o tempo dos conjurados já lá vae. Agora a gente, quando não lhe agrada uma coisa, quando vê que se não levam os negocios politicos pelo bom caminho, vae ao Paço, e diz a El-Rei claramente o que intende, e o que quer. E se as portas do Paço se não abrem logo, espera-se que El-Rei sáia, agarra-se-lhe no freio do cavallo, e alli mesmo na rua, diante de todos falla-se-lhe a verdade inteira. Eu, que aqui estou vivo e são, já por duas vezes fiz parar Sua Magestade, que Deus guarde, no meio da rua, para lhe dizer o sentir do povo, a respeito das coisas da guerra.

— E é assim, que deve fazer sempre, Sr. Antonio de Belem. Um Juiz do Povo é para dizer verdades ao Rei, e defender os interesses da nação. Nunca a lingua lhe dôa, meu rico Antonio de Belem! Mas como eu ia dizendo, o caso por ora não é tão serio — proseguiu o capellão do Infante: — póde vir a sel-o, mas ainda o não é. O que eu queria só, era conhecer e tractar em amizade estes bons e honrados membros da respeitavel casa dos vinte e quatro, e dos officios da cidade; e saber o que elles pensam do que ultimamente se tem passado na côrte. Porque emfim, se as coisas continuarem assim, será preciso tomar alguma resolução, para impedir que o reino se não perca de todo.

— É verdade. Tem rasão — bradaram algumas vozes.

— Já deveis saber o que ha seis dias se passou no Corte-Real?

— Ouvi dizer que tinham lá entrado os da patrulha, — disse Fr. Antonio da Redempção — e tinham assassinado. . .

— Meu amo, o meu rico capitão! — exclamou Diogo Cutilada.

— O Sr. Francisco d'Albuquerque? — perguntou o frade.

— Esse mesmo — respondeu o padre José.— Os assassinos entraram lá, para assassinarem Sua Alteza; e, receiando que elle gritasse, quando lhe passaram pelo quarto, mataram-no. . .

— Mas o Sr. Francisco d'Albuquerque não estava em estado de gritar; desde o dia em que fôra ferido alli para a banda das portas da Ribeira, nunca mais pôde fallar.

— O que é certo — atalhou o padre — é que os *valentes* de El-Rei, mandados pelo Castello-Melhor, entráram no Corte-Real, e tiráram a vida a um dos fidalgos do Sr. Infante. Este maldito valido ha de perder o reino, e entregar-nos nas mãos dos hispanhoes, depois de ter tirado ao povo até o ultimo real. A liga com França, que seria uma felicidade para o reino. . .

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

CANTICO DA MANHÃ.

6 ¿¡Que alvor ¿¡que amar ¿¡que musica,
Nos céus, em mim, no ar,
À festa da existencia
Me vem resuscitar?!
Nasço a cantar com os passaros!
Surjo a brilhar co'a luz!
Envolta em rosas candidas,
Ledo retomo a cruz!

Fonte do ser! Espirito!
Mysterio! Creador!
Eis-me! saí do tumulo,
Como da terra a flor.
Eis-me! eu te escuto! emprega-me!
Senhor, que vou fazer?!
« Ama » bradou voz intima
« Amar cifra o dever. »

A. F. DE CASTILHO.

MEMORIAS DO FUTURO.

(Fragmento).

7 Tem-se escripto muitos romances do passado, — poucos do presente, — e nenhuns do futuro. Será porque se tenha julgado empreza sobre-humana a execução deste ultimo genero de obras? Será: mas não seguimos tal opinião. E não entra aqui nenhum orgulho de originalidade, — crêmos mesmo que será um louco projecto o nosso, — mas havemos de tental-o... sáia o que sair.

Podiamos improvisar um conto dos tempos que já lá vão: adoptar uma época qualquer; pôr em scena um personagem conhecido, e grupar-lhe em derredor quantos monstros a imaginação nos deparasse. Mas assim tinhamos feito um livro mentiroso, como tantos outros que ahi circulam pelo mundo. Não era isso que queriamos. — Pozemos a mira mais alto.

¿Quem se atreverá a dizer-nos ácerca de qualquer passagem deste livro: — Tu mentes.

Ninguem, que não esteja louco.

Só aos seculos futuros — se as nossas profecias se não realisarem, caberá o direito de nos irem escrever na campa o epitheto de mentiroso.

¿E porque não estaremos nós illuminados? por que não descortinaremos o porvir com os olhos d'alma? — ou antes, combinando o passado com o presente, quem nos impedirá de calcular as probabilidades do futuro destino do mundo?

O progresso das sciencias humanas não nos indica que ha de aperfeiçoar-se nas maravilhosas descobertas, hoje apenas em embrião, mas que no futuro serão perfeitas organisações para felicidade ou para desdita do homem?

A electricidade, o vapor... que poderosas alavancas virão a ser no mundo, quando hoje, na adolescencia, operam milagres desconhecidos ás gerações que passaram? — E o aerostato? Só empregado a principio para distracção das turbas, não serve já hoje de adjutorio á sciencia... e não terá ainda de operar uma grande revolução no viver dos povos, reduzindo as distancias, ligando as nações, ...

Por que não se hão de tentar as trevas do futuro, se o mais serio e reflectido chronista, mergulhando no abysmo do passado, ergue o sudario dos mortos, e ressuscita um cadaver, dando-lhe paixões, que a inducção mostra serem as proprias do finado, e que todavia serão muitas vezes falsissimas! Transportar-nos-hemos em imaginação aos tempos que pódem vir, com a mesma liberdade com que qualquer se arremeça ao passado, — e a imaginação gosará assim de uma enorme vantagem; solta de todas as prescripções de época, de todos os laços da verosimilhança, — organisará um mundo a seu bel-prazer para personagens, tambem creaturas suas!

Não nos diz *Cuvier* que, antes de nascer o homem, já haviam passado sobre a terra muitas gerações de alimarias e reptis? — Se isto é verdade, — por que não surgirá ainda um novo ente, mais perfeito do que o homem, que dirija melhor os bons instinctos da nossa raça, e que nos conduza á verdadeira civilisação — a tornar uma realidade essas santas palavras, que são hoje o joguete de quatro especuladores — *Fraternidade e Igualdade!*...

Crêmos que a ficção dramatica nada perderá em ter por época d'acção o seculo XIV, o seculo XIX ou o seculo XXIV, e que tão verosimeis serão as personagens creadas por qualquer auctor para o anno 1387 — que já lá vae ha muito, ou para o anno 1850 — que vae correndo, — como as creadas por nós para o futuro anno 2315 e seguintes.

O maravilhoso que se encontra em muitos romances, e que se torna ridiculo de mistura com factos assás conhecidos — nada de extraordinario e mentiroso terá neste meu livro — que é de sua natureza fantastico.

A opinião do publico decidirá se esta obra ha de parar no Prologo — que vae lêr-se neste, e em mais alguns numeros da REVISTA — ou se alargando por mais largo campo, abraçará todo o pensamento do auctor: — está dependente do bom ou máu acolhimento que receber. ... mas de toda a maneira, eu e o leitor ficâmos amigos como d'antes.

Belem, 1.° de Setembro de 1850.

PROLOGO.

A AURORA DA REGENERAÇÃO.

I.

Roma, a cidade dos imperadores e dos papas, dos tribunos e dos reis — o emporio da christandade e do mundo, da religião e das artes, — ha de, como Babilonia e Thebas, como Jerusalem e Samaria, vêr por terra os seus edificios, afugentar seus moradores, e sêr um objecto de desolação e lucto — como foi gremio de devoção e riqueza! — Tal a iremos encontrar, rasgando o véo do futuro, no inverno do anno de Christo — 2315.

II.

Sitiada por hordas de barbaros em 1948, reduzida ao ultimo extremo — a cidade santa e artistica curvará a cabeça sob a hacha d'armas do vencedor, — e como se Deus não permitisse que a séde da sua Egreja, e das Bellas Artes — inspiração sua tambem, — jazesse escravisada por povos ignorantes e por chefes infieis, — mandará, apoz a guerra, os outros terriveis flagelos da humanidade — a innundação, a fome, e a peste! — O Tibre transporá os limites do seu leito com mais furia do que nunca, e arrastará na sua rapida enchente o palacio, a choupana, e o templo; a terra ficará esteril, por que o benefico calor do sol

ha de deixar de aquecel-a; a agua estagnada por toda a campina de Roma originará uma horrivel epidemia, — e o vencedor e o vencido fugirão desse logar, tornado maldito!

III.

Ver-se-hão confundidos os restos do Pantheon cesareo com os destroços da Basilica pontificia; — o monumento gentilico e o monumento christão, misturarão as suas pedras. — Nem haverá já memoria dos barretes vermelhos do cardeal e do republicano — nem dos arcabuzes do romano e do suisso... A rainha das cidades terá perdido a sua corôa, e repousará solitaria no sepulcro da sua grandesa, sentindo eccoar ao longe o estampido de mal-feridas batalhas.

IV.

É que então vae começar uma longa era de provação, — vão seguir-se seculos de angustia, — vão correr os tempos preditos no Apocalypse... até que, depois de derramado muito sangue — incendiadas innumeras cidades — talados os mais bellos campos, — raiará a aurora da regeneração, promettendo aos homens a verdadeira egualdade, a felicidade celestial, o reinado dos filhos de Deos.

V.

Quando no espaço retumbar o ultimo tiro de canhão — quando a espada cair da mão do derradeiro soldado — quando não restar de pé um só baluarte da tyrannia, — é então que a regeneração estará consumada — é então que os homens se abraçarão, pela primeira vez, como verdadeiros irmãos, tornando uma realidade o sublime texto do Evangelho: — *Amae-vos mutuamente*; — e que ficarão em olvido essas palavras — incomprehensiveis hoje, desnecessarias então — a *liberdade* e a *egualdade*.

VI.

Vou erguer o panno para a representação deste drama futuro no inverno do anno de Christo — 2315; passar-se-ha a primeira scena sobre essa campina de Roma, desolada, silenciosa e triste — entre as ruinas da cidade abandonada pelos homens; ao lado de arvores sêcas, d'onde os passaros fugiram; á beira do turvo rio, que nem um só peixe sulca depois de quatro seculos: — um espectaculo triste, mas solemne, apresentará este logar! O Tibre rolando suas aguas solitarias com sinistro murmurio, entre margens só povoadas de arbustos silvestres; o solo juncado de ruinas da civilisação de todas as edades — como um vasto cemiterio da humanidade artistica; um silencio de finados pairando por sobre a cidade, a campina e o rio, só interrompido pelo lugubre grasnido de alguma ave de rapina, que cortando rapidamente o espaço, não abaterá o vôo sobre esta terra — até para ella maldita!... E sobranceiro a tudo um céo escuro e opáco — invariavelmente fechado e medonho — por que o sol ha de negar-se a alumiar as iniquidades do mundo, por largos annos, e até que comece a obra da redempção.

VII.

No dia, porém, do nascimento do Christo, virão annualmente, de vinte leguas em redor, os homens bons e devotos das cidades e das aldêas — já niveladas então, — de mistura com os hypocritas — raça maldita, que, no exterior, procura similhar aquelles, — em romaria solemne á Basilica de S. Pedro, cujo altar-mór ainda se conservará de pé, sustendo uma imagem da Virgem — que ninguem ahi vira collocar — que ninguem saberá d'onde veio. — É só nesse dia que se animarão as ruinas — como se, evocados pela poderosa voz do Senhor, se erguessem os cadaveres de seus leitos de pedra, para viverem uma hora na terra da sua patria.

VIII.

São 25 de dezembro. Por entre as pedras, então soltas e quebradas — que hoje se erguem compactas como muralhas de Roma, — caminharão os homens, as mulheres e as creanças, que vem cumprir esta promessa feita por seus avós, logo depois do incendio e innundação da cidade santa. Vestem seus trajos domingueiros — pouco differentes dos actuaes, que tambem mal-differem, quanto á gente do campo, dos que usavam seus antepassados; — e quasi toda esta gente que se acerca de S. Pedro, é humilde e laboriosa. São pobres trabalhadores das granjas menos affastadas; pequenos proprietarios, que apenas têm o indispensavel para viver; rendeiros diligentes, porém avexados por barbaros senhores; operarios desvalidos; viuvas e orfãs, que abbreviam a existencia, victimas de um trabalho mal pago; miseraveis carreteiros, pastores e sacerdotes quasi indigentes.

IX.

Entre essa turba, que começa a estancear em volta da ossada do grandioso templo, distingue-se comtudo uma familia, a quem todas as mais parecem tributar respeito; e não é por que o seu trajo seja mais rico, nem por que occupe na sociedade uma posição mais eminente — são apenas pobres lavradores; — mas é por que a fama das suas virtudes, os fructos da sua caridade, tem chegado até ao tugurio do mais desvalido dos seus visinhos. Compõe-se esta familia de tres pessoas sómente: pae, mãe e uma filha. — O pae mostra ter sessenta annos; é delgado, fraco, e seus cabellos são inteiramente brancos e compridos, como os de um patriarcha de Israel. Sua fronte enrugada, seu olhar pouco vivo mas desvairado, dão bem a conhecer que ha lá dentro uma continua lucta entre o bom e o mau principio, que, se é virtuoso — como o affirmam seus visinhos... e será, pobre ancião!... alimenta, comtudo, no peito a vibora do scepticismo. A mãe, pelo contrario, deixa lêr no rosto quanto se passa na sua alma angelica: formosa, apesar de ter passado a edade dos quarenta annos, com bellos cabellos loiros, olhos azues, faces rosadas — mostra uma tal serenidade no semblante, que ninguem deixaria de soletrar ahi o gôso de uma consciencia tranquilla, que vem orar a Deus do fundo da alma; feliz, por ter a um lado o companheiro da sua peregrinação no mundo, e ao outro a sua querida filha.

A donzella poderá ter apenas vinte annos, quando nos apparece em imaginação entre os destroços de Roma. É um rosto, bello como os dos Serafins, que espêlha uma alma, pura como a da Virgem Maria. Tez morena: olhos, pestanas, cabellos negros; mão e pé de Fada, cólo de cisne... mas que cintura tão grossa — que corpo desforme!... Oh! padece, talvez, muito! Por isso se lhe debuxam no rosto tão expressivos signaes de melancolia!...

....

X.

Apesar das provas de respeito e deferencia que o geral daquella gente dá á familia do bom velho Joachim, não deixa de notar-se um grupo, mais separado para a borda do Tibre, onde se murmura, em voz baixa, da extraordinaria gordura da donzela.

— Não é natural aquillo, diz um pegureiro a um hortelão; a pequena Maria do Céo, que sempre foi tão franzininha, estar agora assim!... Ou é hidropisia.. ou então...

— Ou então?... acaba, que me parece que adivinhas, interrompe o hortelão com um riso satanico.

— Aquelle ar triste... diz outro.

— E como está pálida, não vês! — accrescenta novamente o pegureiro. — Ai, que dôr não ha de ter o pobre velho em tal sabendo!

— Pobre Joachim!

— E a mãe... a boa Suzana, sempre tão alegre e caritativa...

— Oh! vão estalar de pena!

....

Os interlocutores desta scena vão crescendo em numero, e desenvolvendo mais a materia; não os seguiremos em seus malevolos raciocinios, em sua fingida compaixão.

XI.

Aquella improvisada população de Roma, começa a alinhar-se para entrar nas ruinas do Templo, e passar em procissão pela frente do altar-mór; cada parocho conduz o seu rebanho, sem precedencia de tribus; o senhor mistura-se com o servo: ha ahi um simulacro de egualdade. Vão todos curvar-se ante a Imagem milagrosa, que repousa no unico logar do tabernaculo, respeitado pelo incendio, pelas aguas, e pelo vandalismo dos soldados.

Devêra ser solemne esse momento, se um successo extraordinario não viesse quebrar-lhe a religiosa unção.

XII.

A boa Suzana, aquella mãe extremosa, nota que sua filha empallidece ainda mais do que o costume, e que reprime a custo a expansão de uma dôr intensa, que forceja por exhalar-se em soluços: — Minha querida filha, — exclama ella, tomando a donzella nos braços, — o que tens, meu amor?... oh! tu estás muito afflicta!...

— Oh! muito, minha boa mãe... muito!

— Que succede? — pergunta o pae, correndo tambem a amparar a sua filha, a consolação da sua velhice, a sua unica crença... Que tem esta pobre Maria?

— Eu já não posso soffrer mais! — brada a infeliz menina... Oh! meu Deus... meu Deus!... que é isto que eu sinto?...

Todos se acercam da desditosa Maria do Céo, e de seus afflictos paes; todos pertendem soccorrel-a... mas como?... qual é o mal?... perguntam estupefactos.

Uma voz responde a esta interrogação de cem bóccas, com o tom mais natural do mundo:

— Seio-o eu — qual é o mal.

— Vós, tía Eufemia, — replicam todos, fitando os olhos na asquerosa figura de uma velha côxa, céga de um olho, sem dentes, e barbada como um homem.

— Eu, sim, — responde a virágo; — esta linda rapariga vae dar á luz uma creança.

— Que dizes ahi, bruxa do inferno? — brada o pae, querendo lançar-se sobre a adivinha.

— O que confirmará o sr. doutor Pergola, que se encaminha para aqui, — responde placidamente a velha... Parece que tambem elle é feiticeiro, que adivinhou o que vae passar-se, — accrescenta sorrindo a bruxa... — traz os soccorros da arte... oh! o medico acreditareis vós de certo. — Por aqui, por aqui, sr. doutor... vinde acodir a esta menina, que não póde esperar nem mais um instante.

XIII,

Toda aquella gente, aterrada e silenciosa, abre caminho para passar o medico. É elle um homem, cuja edade seria difficil fixar pela apparencia; de aspecto grave, e maneiras delicadas; ao mesmo tempo homem do mundo e homem de sciencia. Ao aproximar-se de Maria do Céo, dá esta infeliz um brado de pungente soffrer; o medico tactêa-lhe o pulso, e logo grita com arrebatamento:

— Affastem-se os homens... affastem-se os homens... acercae-vos senhoras, formae um circulo a esta pobre mãe, que já não póde ir mais longe!

Os homens arredam-se com effeito, porém murmurando; e as mulheres, mais caritativas, derramam lagrimas, e tecem com seus corpos um véu impenetravel em volta da infeliz.

....

XIV.

Escuta-se um grito de suprema afflicção!... Depois um momento de sinistro silencio!...

Suzana ergue-se de junto de sua filha, tendo nos braços um formoso menino, — e chora, e ri a um tempo, beijando o recem-nascido.

Maria ergue-se sobre um dos braços, e unindo as mãos como em oração fervorosa, exclama:

— Sou innocente!

E o pae, que estivera mudo e como petrificado, escutando este grito, volve á existencia, ao sentimento da triste realidade... ergue-se para blasfemar!

— Não ha pois um Deus para premiar a virtude?... brada elle, erguendo o punho cerrado para o céo... Minhas pobres cans deshonradas!

E desata n'um copioso pranto.

Depois, com um gesto de desesperação, olha para a filha, dizendo:

— Tu, que eu julgava tão pura... tu, Maria... estás poluida... — E erguendo a mão convulsiva, tenta lançar a maldicção a sua innocente filha... porém, anniquillado pela dôr, descrido de tudo, cáe, murmurando um som inintelligivel... fulminado... morto!...

Um brado de indignação resôa pelas ruinas; é que os espectadores desta scena desejam vingar a morte do bom Joachim, do homem a quem consagram respeito e gratidão depois de muitos annos.

— Vingança!... clamam as turbas indignadas: — Vingança!... repetem com furor crescente; é assim que os homens patenteam sempre o seu amor pelos outros homens; ao lado da ovação está sempre o brado de morte!... Precisam de um objecto em que cevar a raiva que lhes trasborda do coração, — uma victima para immolarem aos manes do virtuoso fallecido.

A pobre Maria resiste a todas as commoções; parece que um poder sobre-natural a anima. Pállida, desfigurada, moribunda, tem ainda a coragem de estender a mão sobre o cadaver de seu pae; e diz com voz solemne, posto que apenas perceptivel:

— Juro, pela alma deste veneravel ancião — que deve estar no céo — juro que estou tão pura como a Virgem Mãe de Deus!

E acabando de proferir estas palavras, cáe abraçada com o cadaver do pae, — desfeita em pranto — semi-morta.

Suzana, aterrada por tantos golpes, deixa escapar das mãos o recem-nascido, e vôa em soccorro de sua filha, e de seu esposo — que ella não crê ainda morto.

Uma fraca luz crepuscular alumia debilmente esta scena!

XVI.

O susurro augmenta entre o povo.

Alguns querem immolar a filha criminosa em holocausto ás cinzas do nobre ancião; outros, crentes nas palavras de Maria, esperam a explicação de um tal enigma.

— Foi talvez um magnetisador — brada um velho sacerdote — um desses monstros com pertenções a inspirados, cujo numero tanto tem crescido neste ultimo seculo, á sombra da impunidade; um desses charlatães, que abusaria da pobre donzella produzindo-lhe um somno artificial.

— Sim, sim! respondem os mais ferozes dentre os romeiros, — seria um magnetisador... queimemos todos os magnetisadores!...

— Á fogueira, os magnetisadores! exclamam milhares de vozes.

— Estará algum entre nós? pergunta enraivecido um hercules da campina romana... se está — ao fogo!...

— Ao fogo, repetem, voz em grita, os camponezes.

— Nenhum está aqui, de certo, responde o doutor Pergola para serenar o tumulto; procurae-os nas cidades — é lá que os encontrareis.

Nada porém consegue o prudente doutor; a raiva do populacho dirige-se novamente contra Maria: querem conhecer o pae daquella creança, que nasceu no tumulo de seu avô.

XVII.

Á bondosa Suzana não se abala a crença que tem na virtude de Maria; resignada como uma santa, ergue nos braços a filha que parece reviver, e diz-lhe com confiança: — Maria, tu és innocente... isso sei eu, mas não o sabe esta boa gente... é necessario explicar-lhe....

— Oh! minha mãe!

— Tu és immaculada, como a mãe do Redemptor... Oh! falla, falla... defende-te.

Maria não a escuta; solta-se dos braços da mãe, e firme, com a cabeça erguida, em extasis, exclama:

— Que visão é esta?....

— Não ouvis esta celeste melodia? não escutaes o cantico dos anjos? não vos embriagam docemente estes aromas divinaes?... Olhae! A pobre Maria está repousando no seu leito, acabou de repetir as orações da noite, e um dôce somno lhe cerra as palpebras... Oh! mas a dormir, com os olhos fechados, é que ella vê coisas que nunca sonhára accordada!... Cercam-na os Sarafins com suas azas de branco e oiro, os Archanjos com toda a formosura da sua magestade, e lá no centro o Redemptor do mundo nos braços da Virgem Santa!... Rebôam pelo aposento os canticos de David, o som das harpas de Sião... tudo é alegria... goso celestial... porque não é preciso um segundo sacrificio do Golgotha... O peccado original está remido pelo sangue do Christo... agora o eleito do Senhor ha de salvar o mundo, sem padecer humanamente... Gloria a Deus... gloria ao Eleito!

Acabando estas palavras, Maria volve a si daquelle extasis, e olhando em torno, com ar espantado, pergunta: — O que se tem passado aqui? parece-me que tive um sonho... vi coisas!...

Suzana chora de alegria abraçando a filha, porque adivinha nas suas palavras a explicação de um mysterio, mas não succede assim á maior parte dos ouvintes; pelo contrario, os incredulos bradam:

— É uma impostora, que se quer fazer inspirada!... Morra a falsa prophetisa, e o filho do crime... morram!

XVIII.

O tumulto inflamma-se com mais violencia. Os máus julgam que não devem apparecer ante a milagrosa Virgem das ruinas de S. Pedro — objecto da piedosa romaria — sem terem sacrificado a mulher que ousou comparar-se-lhe, e que causou a morte de seu pae — o virtuoso Joachim; nem ao menino querem perdoar tambem. — Morra a parricida, a falsa Virgem, clamam os mais feroses arremettendo com a indefesa donzella... Ella, e o filho do peccado.

Forte opposição, porém, lhe apparece de outro lado. As palavras de Maria levaram a persuasão a muitos corações, e os crentes resolveram-se a salva-la — ou a morrerem com ella. Até ambicionam ser os primeiros martyres da nova Lei.

Ás ameaças segue-se a lucta; e esses homens que vinham em paz praticar um acto religioso, erguem os bordões de perigrinos para afrontarem seus irmãos, transformando-o em massa de gladiadores, em frente mesmo do templo onde deviam orar fraternalmente!

XIX.

Uma palavra do sabio medico serena um momento

a tempestade, sem todavia evitar que se erga depois mais furiosa ainda.

— Dêem sepultura ao honrado velho, — brada Pergola, rompendo por entre a turba revolta, — respeitem o cadaver do santo ancião; não se manchem, ao menos na sua presença, de sangue de irmãos, do sangue de sua filha.

Os bordões cáem por terra. Tracta-se de abrir uma cova para sepultar o cadaver de Joachim; e os sacerdotes resam-lhe em torno as orações dos finados.

O medico entretanto tracta de salvar a mãe e a filha.

XX.

Separando-se do grupo que faz as ultimas honras ao homem virtuoso, Pergola corre a examinar o filho de Maria, a quem a mulher de um miseravel pastor está amamentando por caridade; contempla-o um momento em adoração; e depois tirando da algibeira um pequeno bistori, pega-lhe no braço direito.

Outra mão, porém, segura ao mesmo tempo o braço esquerdo do recem-nascido.

O doutor encara esse estranho que vem, como elle, procurar o menino, e vê no rosto de uma mulher hedionda o sorriso do escarneo.

É a tia Eufemia.

— Que pertendes desta creança? — pergunta Annibal della Pergola.

— Eu tambem o conheci, — responde a mulher escancarando uma bocca sem dentes, e franjada de baba... Querias só tu lêr nos astros?

— Eu não sou astrologo, bruxa maldita — exclama o doutor; — foi-me revelado o seu nascimento ha muito... Larga-o — que é o escolhido de Deus.

— Não o largo, propheta, — brada a tia Eufemia, com raiva, — por que é o inimigo de Satanaz.

E dizendo isto, a bruxa arranca de uma faca, e dá um golpe á feição de meia-lua na mão esquerda do infante.

O propheta lança-se sobre a filha do inferno, e arremeça-a para longe de si; ella porém dando uma gargalhada satanica, diz-lhe de longe:

— Está bem marcado... Conhecel-o-hei em toda a parte.

— É assim, — accrescenta comsigo mesmo o doutor, — mas eu tambem o conhecerei.

E traça-lhe uma cruz na mão direita, com a ponta do bistori.

Depois torna a lançar a creança nos braços da boa camponesa; e dizendo-lhe:

— Tia Martha, fuja para longe, bem longe, com este menino... parta sem demora...

Larga-lhe nas mãos uma bolsa cheia de oiro, dá um beijo no recem-nascido, e impelle a mulher na direcção das montanhas.

Martha segue este impulso, como se poder sobrenatural a guiasse; seu marido parte silencioso apoz ella; e Pergola regressa ao meio do povo, que já começa a tumultuar outra vez.

XXI.

Ainda é tempo.

Pergola corre com a vista aquella extensa seara humana, e descobre Suzana e Maria á porta do Templo em ruinas, chorando como as virgens de Jerichó. Não se deteve um momento, corre a ellas, e aconselha-lhes que vão orar aos pés da milagrosa imagem, que lhes servirá de refugio, em quanto elle tenta desarmar com palavras de paz seus furiosos inimigos.

Assim se faz... A capella silenciosa recebe no seu seio as duas mulheres lacrimosas.

Porém o povo, cego de raiva, não quer respeitar o tabernaculo; acabado o funeral volta-se outra vez contra Maria, e quer perseguil-a até no sanctuario, junto ao altar da Virgem.

A terra abala-se debaixo dos pés destes loucos, que correm furiosos para as ruinas da basilica de S. Pedro!....

XXII.

Ao penetrarem os mais ousados, os mais perversos no Sanctuario da Mãe de Deus, verão desmoronarem-se as paredes, sulcadas por milhares de raios; e logo esmagados debaixo das pedras do templo, ou mal-feridos, farão recuar o restante dos romeiros. Os continuos fuzis, semelhando uma chuva de fogo, e rasgando em mil tiras o manto negro do céu, appresentarão um espectaculo horroroso!... O fim do mundo se antolhará proximo para os que restarem com vida nessa desolada campina, que hoje se chama Roma!... Um só grito se escutará ahi, nessa hora tremenda, grito unisono, de suprema agonia — Misericordia, Senhor!

E o Senhor escutará as preces dos seus servos, e um espectaculo bem diverso lhes deslumbrará os olhos em seguida.

XXIII.

No oriente começará a brilhar uma faxa de purpura, como o primeiro arrebol do dia, ou antes como uma aurora boreal, espalhando na campina de Roma uma dôce claridade, de que havia estado privada por largos annos. Annibal della Pergola, ao contemplar este espectaculo, cairá de joelhos, e exclamará no tom de verdadeiro inspirado: — É a aurora da Regeneração que raia para os homens... Gloria a Deus nas alturas, e paz aos homens sobre a terra!

Eufemia, que terá as costas viradas para o oriente, a fim de evitar o brilho da nova aurora, comtemplará outro espectaculo — mais estranho ainda — que lhe arrancará um grito de desesperação, e que a arrastará fugindo por montes e valles para longe da basilica de S. Pedro.

O templo estará por terra; mas as vistas de todos os romeiros, que escaparam á morte, fixar-se-hão sobre as suas pedras derrocadas.

XXIV.

A luz da aurora tornar-se-ha mais viva.

Sentir-se-hão ao longe canticos angelicos, e o tanger de instrumentos celestiaes.

Depois, surgirá d'entre as ruinas a milagrosa imagem da Virgem, radiante de gloria.

E Suzana e Maria, mortas sim, mas formosas de uma belleza divina, segurando-se ás extremidades do manto da Senhora.

E subirem — subirem — até perder-se entre as nuvens, já vestidas de branco e azul.

. . . .

Os homens, as mulheres, e as creanças prostar-se-hão com a face em terra, dizendo: — Oráe por nós!

XXV.

Só o medico se erguerá, comprimindo o pulsar do coração com a mão esquerda, e erguendo a direita para o céu, como a tomal-o por testimunha do que váe dizer:

— Oh! sim, bradará elle solemnemente, — eu sou um Propheta — como Moyses, como Elias. . . ajudado da Divina Graça posso descortinar o futuro! . . . Novo João-o-precursor, eu conheci o Eleito de Deus. . . Gloria! . . . Gloria! . . . O regenerador da humanidade nasceu na campina de Roma a 25 de Dezembro do anno do Senhor — 2315.

FIM DO PROLOGO.

FRANCISCO MARIA BORDALO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES

1 a 7 de Setembro.

DIARIO N.° 208.

8 Auto de amortisação de varias classes de papeis e de papel moeda no valor de 426:793$358 réis.

Outro relativo á divida externa no valor de 56:517 libras sterlinas.

Outro relativo a notas do Banco de Lisboa, na importancia de 60:930$000 réis.

Notas amortisadas até ao dia 3 de Agosto de 1850	2.428:904$400
Ditas no dia 3 de Setembro	60:930$000
Existentes	2.489:834$410

AGRADECIMENTO.

9 *Sr. Redactor.* — Tenho a honra de rogar a V. que me conceda algum espaço no seu jornal para eu cumprir um triste dever da mais sincera e duradora gratidão, não só para com dois dos mais extremosos amigos de meu chorado pae, o Sr. Joaquim José de Moraes, mas tambem para com a maxima parte da povoação das Caldas da Rainha, que nos ultimos deveres funebres prestados a um seu hospede, se houve por tal modo, que nunca poderá ser esquecido por mim o muito que a memoria de meu pae deve aos habitantes daquella notavel villa.

Apezar de que meu pae tinha residido a maior parte do tempo na Marinha Grande e em Leiria, aonde foi por alguns annos administrador do tabaco, varias vezes havia estado nas Caldas, e ahi como em toda a parte, as suas virtudes e probidade eram geralmente estimadas. Assim mesmo, nem eu nem meus cunhados, José da Silva Vergolino, e Manuel Joaquim Affonso podiamos esperar que o sentimento pela sua morte fosse tão plenamente provado por essa povoação. Se a rapidez da doença que de subito acommetteu meu pae e o levou á sepultura, não deu tempo a que estivessemos a seu lado como era nosso dever e ardente dezejo, em tão afflictivo transe, Deus permittiu que dois verdadeiros amigos, os Ill.^mos Srs. P. Francisco José da Silva, e Ricardo da Silva Ribas, lhe prestassem tão extremosos cuidados, que não podiam fazer mais se fossem parte do seu sangue. Um destes exemplares amigos, como ministro da Religião, prestou por modo digno da sua augusta missão, todos os soccorros espirituaes de que a vida carece no seu ultimo momento. Escrevendo estas linhas, é meu fim dar um testemunho publico do mais profundo agradecimento, por mim e por meus cunhados, a todos os habitantes das Caldas, e aos dois respeitaveis amigos que deixo mencionados.

Marinha Grande, 6 de Setembro de 1850. De V. etc.

FRANCISCO TAIBNER DE MORAES.

BARCA ISABEL.

10 Impedidos por negocios de momento, não podémos corresponder ao obsequioso convite do Sr. José Antonio Pereira Serzedello, distincto e mui estimado negociante desta praça, proprietario da barca *Isabel*, que da praia de Porto-Brandão, onde acabava de ser construida, devia correr para as aguas do Téjo no Domingo passado, 8 deste mez.

Não presenceámos, portanto, o luzido espectaculo, a numerosa concorrencia, que appresentou nesse dia aquella parte da margem do sul do rio, e de que fizeram individuada relação alguns jornaes da capital, como a *Lei* e a *Nação*.

Constou-nos que não faltára coisa alguma ao esplendido da funcção, realçada pela affabilidade do proprietario do navio, que fez servir uma copiosa e variada collação aos seus amigos e convidados, não obstante o desgosto causado pela suspensão da barca na carreira, contra toda a expectativa. Oxalá que fosse este o unico dissabor! Porém, somos informados de que no dia immediato, tentando-se dar impulso ao navio por meio da força braçal, rebentou o aparelho, ficando tão maltratados quatro homens, que ainda se acham em perigo de vida. O Sr. Serzedello sentiu-se tão commovido, que perdeu os sentidos, mas, tanto elle, como pessoas de sua familia, desveladamente se empenharam em prestar os auxilios ao seu alcance neste desastroso successo.

Por conta do Sr. Serzedello se está construindo, no mesmo local de Porto-Brandão, um brigue, que será denominado *Viajante*.

BOLETIM COMMERCIAL.

11 — *Consta* que no Estaleiro do Oiro se estão construindo 5 embarcações, entre ellas 3 de grande

lote — que são a *Flora*, a *Nova Subtil*, e a *Flor do Porto*.

— *Importação de Espiritos na Grã-Bretanha em* 6 *annos*, comprehendendo — Agua-ardente de canna — Agua-ardente, Genebra, Espirito do Canal, Ilhas e diversas procedencias.

Anno	
1844	6.363,297
1845	7.215,900
1846	7.176,752
1847	8.300,170
1848	8.002,290
1849	9.416,972

— *Direitos sobre os espiritos em Inglaterra desde o anno* 1844 *até o presente*.

	Cada gallão de próva.	S.	D.
Agua-ardente de canna	desde 1844 até 13 Agosto 1846	9	4
»	» 13 Agosto 1846 até 14 Maio 1847	8	10
»	» 14 Maio 1847 até 21 Julho 1848	8	7
»	» 21 Julho 1848 até o presente	8	2
Espirito do Canal e Ilhas.	» 1844 até 8 Agosto 1845.	7	10
	» 8 Agosto 1845 até o presente	9	10
Agua-ardente e outros Espir.	» 1844 até 18 Março 1846	22	10
	» 18 Março 1846 até o presente	15	0

— *Praça do Porto*, 3 de Setembro. As transacções tem sido regulares: Não houve entradas de generos do Brazil. — É procurado o algodão. — Chegou do Maranhão nma carga deste genero e foi vendida de 140 a 150 rs. o arratel. — Continua a faltar o assucar branco, o mascavado tem-se vendido de 1$200 a 1350 — Café poucas vendas. — Falta no mercado a cêra de Angolla.

FUNDOS ESTRANGEIROS.

12 — *Praça de Londres*, 31 de Agosto. Os fundos inglezes conservam-se firmes. Os consolidados estavam a $96\frac{5}{8}$ e $96\frac{1}{2}$ tanto á vista como para conta. Acções do Banco, $215\frac{1}{2}$ com tendencia para alta.

Paris, 2 de Setembro. Vendas mui consideraveis tinham feito baixar os 5% a 96,40 no dia 31 de Agosto; ficavam a 96,30 e eram procurados; e os 3% a 58. — Acções do banco de França subiram 10 francos; negociavam-se a 2:300.

Madrid, 7 de Setembro. Titulos de 3% a $33\frac{5}{8}$, de 4 a $13\frac{3}{4}$, de 5 a $14\frac{1}{8}$. — Acções do banco de S. Fernando a 91.

ALMANAK

DA

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

PARA 1851.

Este **ALMANAK** vae ser publicado mui brevemente.

Foi redigido com o fim de ser o mais curioso, o mais util variado e extenso dos que em Portugal se tem publicado. Contém o que vulgarmente se chama folhinha, e muitas noticias e esclarecimentos indispensaveis de maxima utilidade publica e particular.

Aos assignantes da REVISTA já existentes, ou que assignarem durante o volume que hoje se começa, custará **80** réis, e a venda avulsa se fará por **120** réis.

Tanto em Lisboa como nas provincias será entregue, livre de porte, a todos os assignantes da REVISTA que satisfizerem o custo do **ALMANAK** — **80** réis — juntamente com a sua assignatura, fazendo este pagamento aos nossos correspondentes, ou directamente até ao fim do corrente mez de Setembro.

Desde hoje se recebem assignaturas, tanto para as pessoas que forem assignantes da REVISTA, como para os que o não sejam.

Assigna-se no Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL, rua dos Fanqueiros n.° 82, e nas lojas da Viuva Henriques, rua Augusta n.° 1 — J. Paulo, na mesma rua n.° 8 — Antonio Maria Pereira, na dita rua n.° 188 — Bordallo na mesma rua — Langlet, rua Nova do Almada n.° 77 — Silva Junior, rua do Oiro — Zeferino, rua dos Capellistas, e no armazem da Imprensa Nacional, largo do Pelourinho.